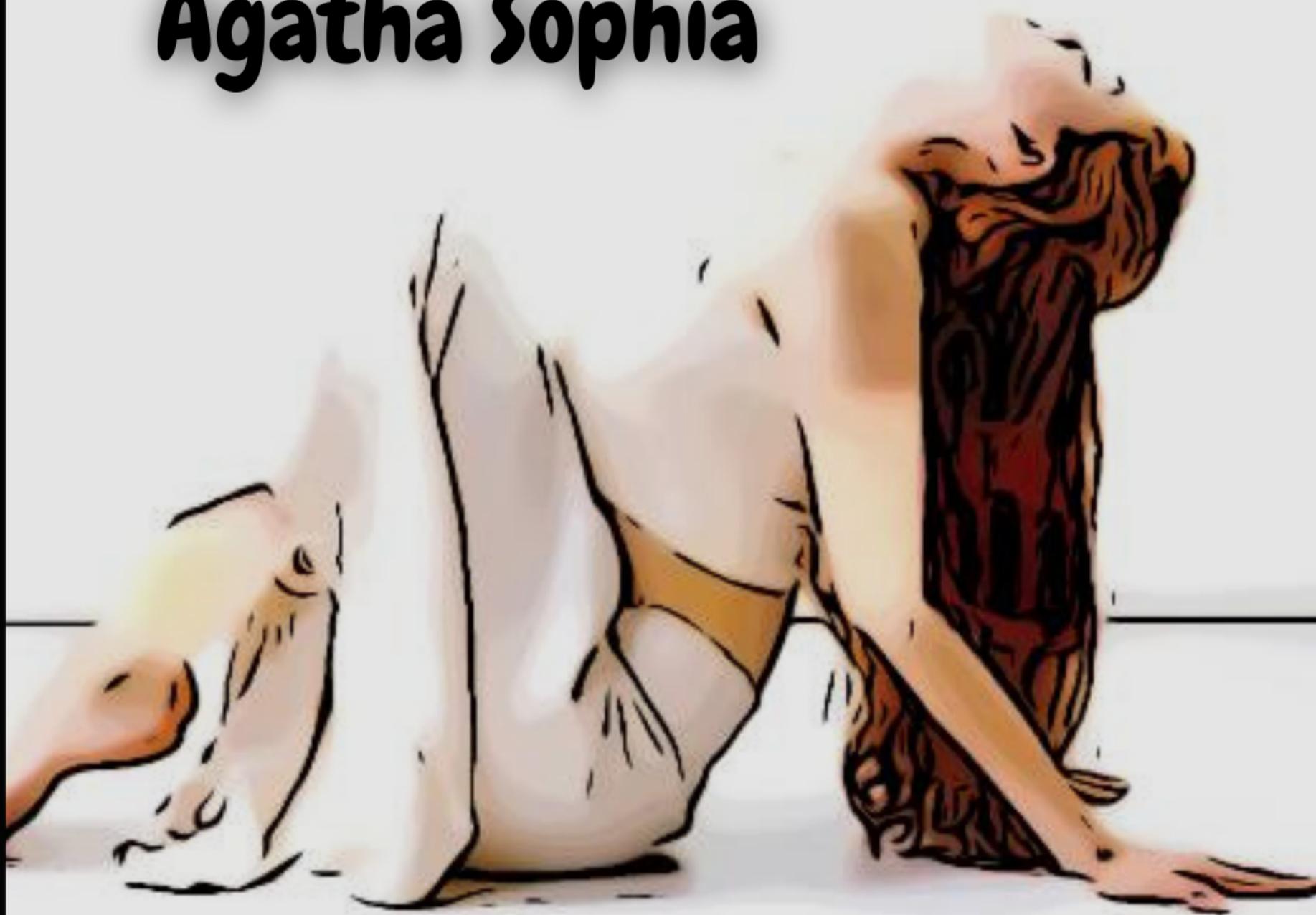


REVISTA

BARTOLOMEU[®]

CONTOS ERÓTICOS

FOUR, A Vizinha - final & Ágatha Sophia



VOLUME 1 | N.º 8

MARÇO DE 2021

Proibido para menores de 18 anos

ISSN 2675-6226 / 2676-0371

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

Sobre o Bartô



O amor tem em si camadas que são descobertas dia após dia, ou minuto a minuto dependendo da intensidade; alguns são tão rápidos e intensos que uma transa de horas vale mais que anos juntos. O amor é um amontoado de camadas, de cortinas fechadas abertas uma a uma. Por isso alguns amores viram um pesadelo, a medida que se descobre cada camada é aberto um buraco negro, em outros você descobre uma pessoa ainda mais incrível. Alguns são platônicos, quem nunca se apaixonou sem conseguir abrir sequer a primeira camada, fingindo não ser nada, se você não, eu já!

"A Bartolomeu é uma revista mensal de conteúdo adulto, para quem busca uma leitura mais picante! Espero que possamos curtir juntos esta 8ª edição!!"

Algumas paixões são apenas pele, nesse caso a descoberta é na cama, ficam a cada encontro melhor!

Assim é Bartô, a princípio você pode até estranhar, um cão escritor, com o nome Bartolomeu e chamado de Bartô contando histórias de amor, mas se em tudo que move o mundo existe paixão, o que há de estranho num cão que escreve contos de paixão e erotismo!? Nada, não é mesmo!?

Um cão escritor,
Conhecido como Bartô!
Um cão cheio de histórias
escritas em contos de amor.
De noite ele bate patas
e sempre acaba num cobertor
misturando safadeza e amor;
Depois escreve contando um conto!
Ah Bartô...
cachorro metido a escritor!

Um abraço canino!
Bartô
O cão escritor





ERA COMO SE DOIS

corpos dançassem em chamas,

UM DENTRO DO OUTRO

numa pista repleta

DE ESTRELAS FLAMEJANTES,

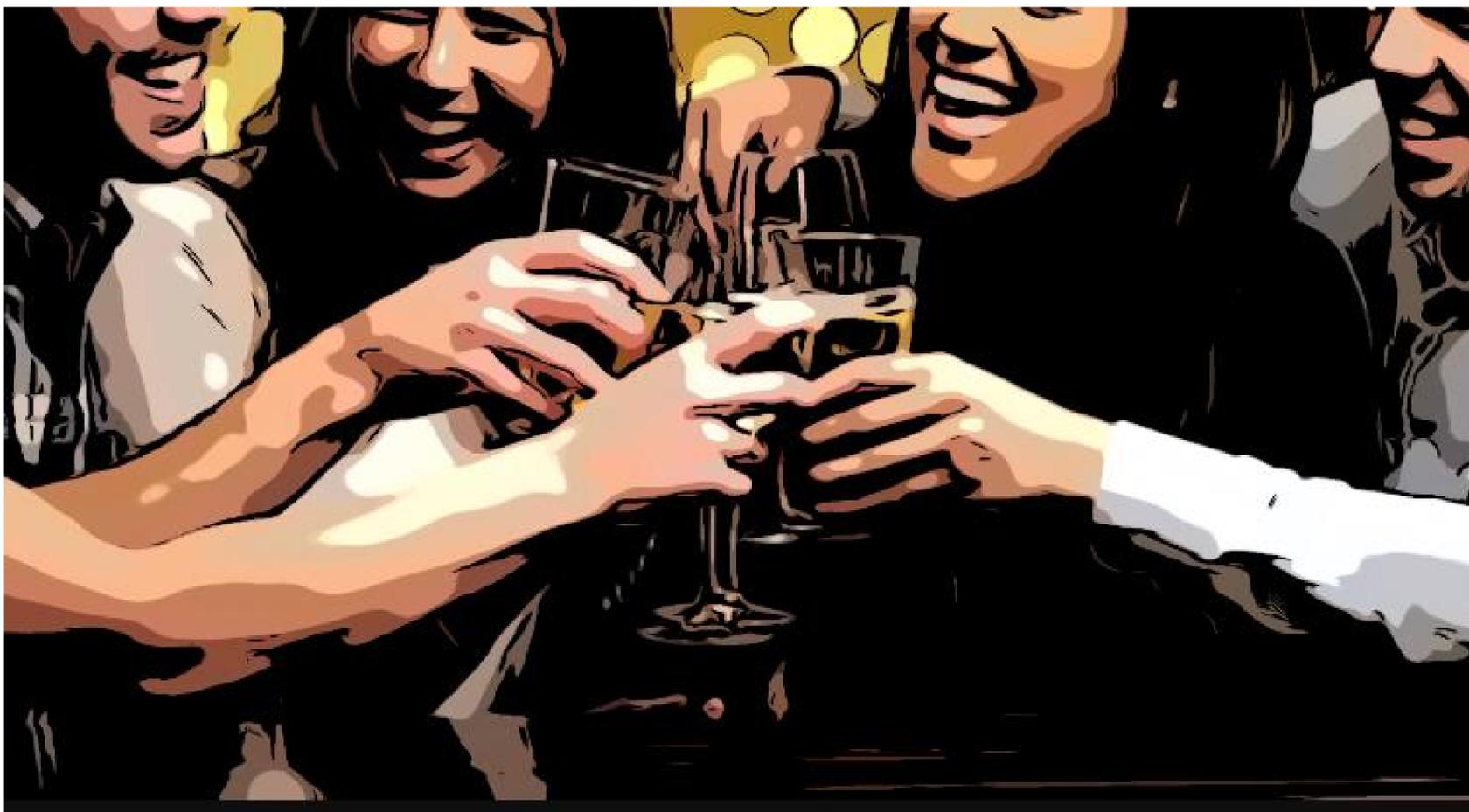
numa pira de fogo...

A DANÇA DO FOGO

“Nesta edição você vai viver uma história secreta entre quatro amigos contagiados pelo libido num jogo da verdade. Também vai conhecer Ágatha Sophia, uma garota marcada por uma puberdade retraída, apaixonando-se pelo amor e pelos mistérios do seu corpo. Nesta edição você também vai se surpreender com o fim da história de A Vizinha. São três contos, num misto de romantismo e erotismo com personagens marcantes. Fique até o fim...”

Espero que se divirta!

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



FOUR

Seus lábios se curvaram num sorriso misterioso e um beijo insolente aconteceu. Eram 2h da manhã numa casa de swing em SP. Depois do beijo, descobriu-se pelo labirinto escuro, de sombras e contornos mal definidos, corpos seminus copulando e gemendo... O som dos gemidos se misturava com o som lounge da casa.

Tudo começou num jogo da verdade: Malu, Gabi, Edgar e Tony haviam se encontrado para um bate papo descontraído e um gin

após o trabalho.

Haviam se reencontrado um bom tempo depois de terminarem a facul. Entre casamentos, divórcios, noivados, namoros, empregos e mais de dez anos de histórias pra contar; encontrar-se no bar toda semana havia se tornado rotina imperdível para os quatro que trabalhavam no mesmo bairro. Falavam de tudo, bebiam e voltavam aos tropeços e risadas, cada um para sua casa.

Certo dia, numa brincadeira de bar, todos já meio altos, o assunto começou...casas de swing. O tema se tornou a quinta presença na mesa do bar. Por algumas semanas. Era tão empolgante imaginar o secreto e nefasto ambiente que não demorou para marcarem a data do encontro. Edgar, o único que já havia se aventurado nesta balada, brincou num irreverente alerta..."saías ou vestidos tornam o jogo mais interessante...é mais fácil na hora de acontecer...é só subir!" A mesa caía em gargalhadas maldosas.

Tony, um homem mais religioso por criação, mas não menos interessado, dizia-se impressionado com a ousadia do grupo ao mesmo tempo que sua imaginação o levava longe, soltando em brincadeiras maliciosas suas intenções para um jogo "hard" na tal casa de swing. Brincava..."para ir para beber fico em casa!!"...e ria puxando risos de todos.

Gabi, uma espanhola castanha de traços finos, delicados e sensuais por natureza, olhos sempre misteriosos e nunca óbvios, se mostrava viva pela nova experiência, mas se continha numa fala menos imaginativa e declarava sempre que perguntada na roda do bar: "é apenas um encontro entre amigos, hein!!"

Malu, uma negra de curvas fartas e corpo escultural, beleza exótica numa combinação excitante de cabelos cacheados e olhos claros, era a mais calada, apenas ria com as brincadeiras e consentia sobre o tal encontro. Numa certa desconfiança apenas dizia: "só espero não ser vista nesse lugar!!"

Uma latinha de cerveja rodopiava pela mesa a cada encontro que antecedia o dia x. Era o jogo da verdade que começava sempre que os quatro já estavam bêbados.

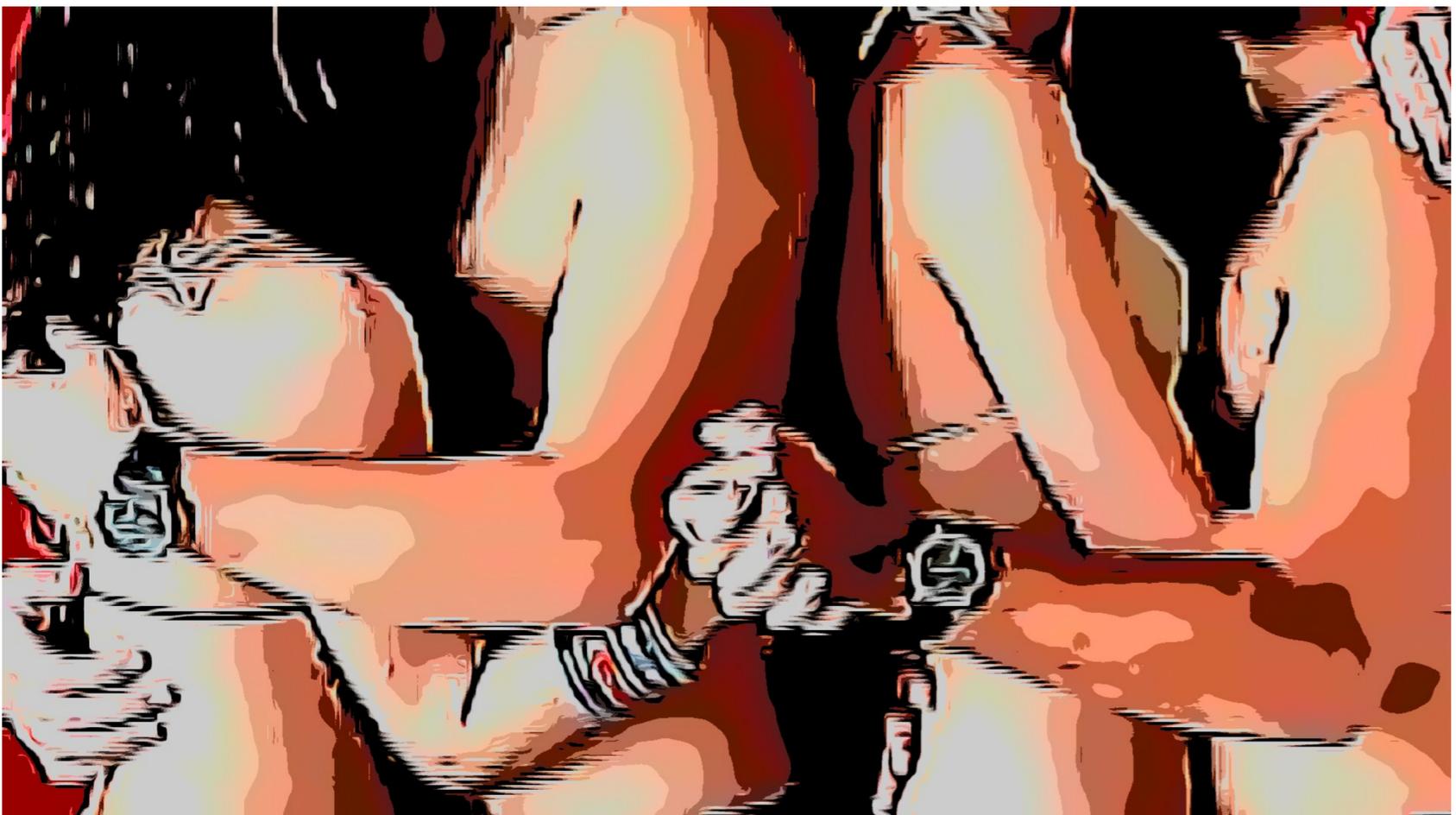
As perguntas eram as mais variadas, e todas voltadas para alimentar o imaginário..."você sairia com um amigo só por diversão!?"

..."e se rolar!?"..."você já fez com mais de um!?"..."tenho vontade de menage a trois"... eram as mais diretas e indiscretas perguntas e respostas que aconteciam no jogo da verdade.

Edgar deu conta de preparar todos os detalhes. Visitou o lugar antes, informou-se dos horários, as bebidas servidas e até horário de maior movimento. E então chegou o dia!!!

Antes do encontro, Edgar alertou Tony: "leve camisinhas... tudo pode acontecer..."

No bar, às 18h, beberam uma cerveja antes de saírem. A luz do pôr do sol bateu entre as pernas de Gabi que vestia uma saia azul escura e bebia de pé. Com a luz, o contorno das coxas e do seu sexo perturbaram Edgar, que se conteve numa virada de copo de cerveja. As risadas agora tinham traços de nervosismo e ansiedade, os quatro se olhavam como prestes a mergulhar no desconhecido. Algo secreto os unia a partir daquele encontro.



Andaram algumas quadras do ponto de encontro até a casa.

Tudo estava escuro, poucas pessoas ainda estavam no lugar.

Uma música sensual ocupava o silêncio das mesas.

Olhos de corvos cintilavam no escuro em busca de suas presas.

Os curvos contornos das duas mulheres penetravam o escuro, como realezas.

Os olhos de Tony e Edgar as seguiam cheios de desejo e de beleza.

A anfitriã da casa apresentava cada espaço como um palco de orgia. Os dois casais olhavam curiosos. "Aqui é onde os casais podem fechar a cortina e ficar à vontade. Aqui podem entrar mãos para tocar. Aqui podem entrar até dois casais. Neste outro cabem mais pessoas, todos podem olhar, participar, mas com consentimento."

Cada espaço ainda vazio tinha em si uma certa obscuridade que carrega desejos secretos enterrados para sempre entre aquelas paredes e cortinas.

Os dois casais sentaram-se numa mesa perto da pista de dança. Eram apenas quatro amigos agora sugados pelo clima lascivo e envolvente da casa.

GIN!! GIN!! Vamos beber GIN!! - todos concordaram num pedido entusiasmado seguido de um brinde que selava o pacto.

Entre brincadeiras e doses de GIN palavras maliciosas eram lançadas, mãos deslizavam pelas pernas por baixo da mesa e olhares se cruzavam com frases de sacanagem inteiras ditas em silêncio.

Edgar sentia o sangue circular cada vez mais rápido e em denso volume cintura abaixo, suas mãos acariciavam as coxas de Malu

ousando lentamente uma escalada para o calor úmido escondido por baixo da sua calcinha. Um frio na espinha foi percebido no rosto de Malu que discretamente mordeu o canto do lábio. Na brisa do álcool os dois casais se beijaram. Tony, que também ousava movimentos circulares entre as pernas de Gabi, subiu sua mão por baixo da blusa da garota espanhola, enchendo a palma com o pequeno e macio bico doce de seu peito.

Os lábios carnudos de Malu deslizavam molhados entre os lábios de Edgar. As mãos dos dois descobriam o sexo coberto pelas suas roupas... O clima antes festivo agora desvelava um desejo voraz permeado pelos poros de cada um.

-Vamos dar uma volta!? - disse Edgar virando até a última gota seu copo de Gin. Tony consentiu com seu jeito brincalhão de sempre:

"Vamos porque se fosse só para beber Gin ficávamos no bar"...

risadas amenizaram o clima ainda de sedução empurrando FOUR pelos corredores cheios de sombras nuas empossadas de luxúria. Edgar guiou os quatro pela escuridão até que entraram numa cabine pequena e reservada.

Sentaram-se aos beijos, um do lado do outro com suas mãos agora eufóricas farejando seus corpos como cães perdigueiros... Tony desceu com seu corpo entre as pernas ainda vestidas de Gabi, que inclinou-se com seu dorso e cabelos castanhos para trás; sentia a boca de Tony subir com seus lábios levando sua saia para cima. Tony, com os dedos, colocou a calcinha da espanhola de lado e penetrou-a com sua língua tocando seu clitóris com brutal desejo.







Malu, sentada sobre Edgar, o beijava com seus cabelos cacheados misturados entre os cabelos negros do homem. As mãos de Edgar a tocavam, masturbando-a. Ela, excitada, balançava seu bumbum ainda vestido com força no mesmo ritmo dos dedos que a penetravam, intrépidos, mergulhados no seu corpo em chamas. Seus seios, grandes, firmes e curvos saciavam a mesma boca que a beijava. Edgar, extasiado e vencido pelo tesão, desceu sua calça ao mesmo tempo que tirou a calcinha da jovem morena, que se sentou por cima do homem de cabelos negros, sentindo seu pênis deslizar penetrando-a com força.

Gabi, que quase gozava na boca de Tony, excitava-se com a cena do casal de amigos ao lado, e na força de um impulso, tocou o pênis de Edgar, sentindo-o pujante e frenético dentro da amiga. Sentia com suas mãos o calor em bica d'água que escorria de Malu. Edgar, que guardava forte desejo também por Gabi, sentiu a mão da espanhola tocá-lo, e levado por uma sensação de deleite absoluto, atraído pelos lábios finos e oblíquos da espanhola de cabelos lisos e castanhos, a beijou enquanto ela gozava na boca de Tony. Seus gemidos misturavam-se com os lábios de Edgar, seu prazer agora liquefeito confundia-se com a saliva de Tony.



Malu, ouvia cada nota do gemido e do orgasmo de Gabi em seus ouvidos, sentia os dedos de Edgar tocando seu clitóris eletricamente ao mesmo tempo que rebojava sobre seu pênis rígido, suas pernas amoleceram e tremeram sentindo seu orgasmo escorrer entre suas pernas enquanto mordiscava e enroscava sua língua na boca de Edgar. Tony se levantou, suas mãos tocavam o corpo de Gabi com a força de duzentos homens enquanto suas bocas se prendiam úmidas. Os seios pequenos de Gabi enchiam a boca de Tony que com gentil brutalidade a colocou de quatro sobre o sofá, metendo forte dentro da espanhola de cabelos castanhos. Ela espalmava as mãos contra a parede, Tony, homem forte, de cabelos claros e enrolados, a segurava pela cintura com as garras de uma animal. Seus cabelos balançavam. Ela gemia. Malu, também de costas, sentia Edgar penetrá-la em fúria.

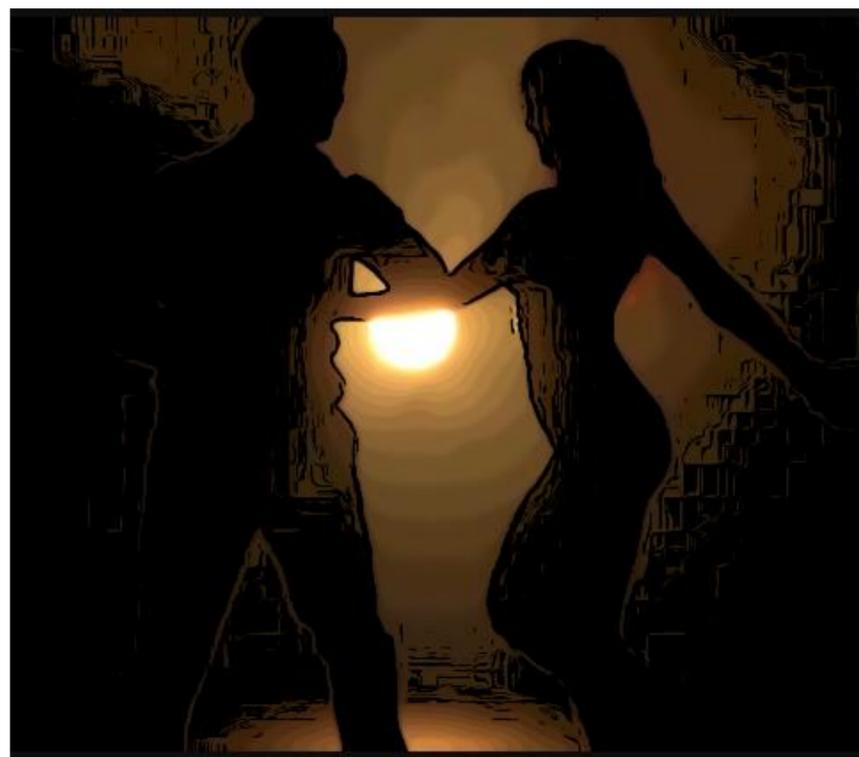
Numa perseguição gostosa, depois de gozarem, saíram pelos corredores escuros como desbravadores... Edgar, Tony, Gabi e Malu riam aos cambaleios, saciados e entorpecidos pelo sexo e pelo álcool. Num golpe sorrateiro, Edgar puxou no escuro Gabi pelas mãos e a beijou pelos corredores. Sua forte atração pela mulher o dominava, embora escuro, conseguia olhar dentro dos seus olhos castanhos e insensatos. Lentamente seus lábios tocaram os dela e suas mãos mergulharam por debaixo da saia azul de tecido fino. Seus dedos a penetraram, ele a sentia por dentro, úmida. Gabi, também atraída, o beijou insanamente.





As mãos de Edgar puxaram uma das pernas de Gabi para cima ao mesmo tempo que ela colocava o pênis dele, duro para fora. Num instinto selvagem sentiram seus corpos nus mais próximos e como se o sexo de Gabi o puxasse numa força centrípeta ele a penetrou, ali, de pé... Aos beijos, quase caíram sobre um sofá de algum lugar dali, nus, um sobre o outro. Suas virilhas e coxas em atrito eram impelidas vorazmente uma contra a outra, forte e rápido...seus corpos provavam e gozavam do sexo indecente dos seus olhos silenciosos e bocas molhadas, e febris.

Ali perto de Gabi e Edgar, a morena chocolate abaixa seus olhos e vira de costas para Tony, seu rosto sombreado por uma vasta nuvem de cachos aponta suas pupilas flamejantes como o imenso mar do Caribe numa proposta sexual e numa dança trap entorpecendo Tony com seu balanço, dona do seu corpo, dona do seu ritmo chama-o para o desafio...o homem forte e de cabelos claros a toma pelos braços e a conduz na dança...o desejo os consome e seus olhos imaginam coisas enquanto seus corpos obedecem seus instintos e impulsos...mãos deslizam pelos seios e pela cintura dançante da morena....



Tony a beija como possuído e enfeitiçado... ela rodopia dentro dos seus braços e se coloca de bumbum contra o homem que içado e teso levanta sua saia e empurra seu pênis para dentro...ele sente os lábios pubianos, recém depilados e úmidos se abrirem como carne em brasa... a dança se confunde com o sexo. Tony sente o corpo da morena inteiro com mãos e boca enquanto sacode com força dentro...o contorno dos dois se confunde com o contorno inquieto das chamas no escuro...os dois transam como loucos no mesmo ritmo de Edgar e Gabi, na sala de cortinas veladas...



Era como se a casa fosse apenas dos quatro amigos, inteira para o deleite absoluto dos quatro. Nada viam além deles mesmos. Seus desejos antes imaginados numa mesa de bar os conectavam num pacto secreto, para sempre, como quatro amigos, quatro amantes.

Depois de se amarem pelos corredores da casa, voltaram para a pista de dança, que tocava um samba rock. Com a casa quase vazia, os quatro dançaram o resto da noite, bêbados de Gin como se dançassem em volta de uma fogueira, num amor secreto, livre e único. Um amor FOUR...

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

Ágatha Sophia



Os ouvidos intuitivos de Ágatha Sophia entorpecidos pelo Zouk, tracionavam cada músculo de seu corpo, flutuando e dançando na sala de voais brancos e piso de tacos, em volta dos braços do homem que a enfeitiçava, tal qual cada nota que pelo ar da sala voava como pedacinhos de papel soltos contra um ventilador...

Ágatha circulava em ondas num vai e vem de coxas. Vestia um curto vestido de primavera de botões de cima até embaixo, deixando seu corpo ainda mais atraente.

Pernas e braços se cruzavam em sutis laços. Os olhos vívidos de Anthony a penetravam e, uma transa na imaginação contada pelos olhos, acontecia. De repente a dança tornou-se carne dentro de carne...

Ágatha havia sido criada em colégio de freiras, quase um convento de tão reclusa sua rotina. Passava a semana inteira no colégio, e aos fins de semana ia para sua casa.

O pai, um executivo do setor de importação bem-sucedido, sempre em viagens, a mãe uma médica, sempre em plantões.

No colégio, Ágatha seguia à risca a cartilha ortodoxa. Acordar, rezar, estudar as disciplinas convencionais de manhã e catequese à tarde. Seu amadurecimento foi precoce: menstruou aos 10 anos e aos 12 já observava os garotos com curiosidade. Aos 14 já descobria suas intimidades imaginando coisas, o fazia sempre na calada da noite enquanto todos dormiam. Contudo, um fato lhe deixou envergonhada e com um temor divino por sexo:



numa noite, como de costume, masturbava-se no escuro e em silêncio, até que quando quase chegava ao orgasmo, uma senhora muito temente a Deus e carrancuda a flagrou. Era uma freira, destas que pregam pecado para todas as coisas e sai sisuda pelos corredores, caçando maldade e castigando meninas tolas e inocentes. A flagrou ao acender a luz e pegou com certa revolta as mãos pecaminosas da garota... Além da humilhação, Ágatha foi obrigada a rezar por semanas todas as noites sob supervisão.

Aquilo a marcou tanto que passou a enojar-se de qualquer pensamento sexual. No início caía em febre quando seu corpo se excitava com algo, depois o bloqueio foi tamanho que se penitenciava rezando.

Aghata cresceu... Seu corpo antes de uma adolescente desajeitada tornou-se o de uma mulher suculenta como uma fruta! Seus cabelos ruivos e naturais pareciam ser uma extensão dos seus olhos que tinham um brilho e cor no mesmo tom do seu cabelo liso e volumoso, um brilho de um rosto monocromático que parecia o do alvorecer numa tarde de outono, destes em que o sol se põe em cima de um palco de luz laranja e reluzente.

Seu interesse por sexo havia sido enterrado e substituído por muitas coisas, mas em especial, havia se apaixonado por algo que a fazia sentir o calor no corpo que outrora o sexo preenchia: a dança. Ágatha nutria pela dança uma expectadora paixão. Assistia a todos os filmes de musicais que podia e sempre se imaginava no meio daquelas belas dançarinas como a personagem principal.



Um garoto de 20 e poucos anos havia sido seu primeiro namorado, o conheceu nas missas de domingo, era terrivelmente religioso e lívido, e foi com quem teve sua primeira vez, mas a experiência foi ainda mais terrível que sua lembrança amarga da adolescência. O garoto, além de descorado e sem sal, havia tido uma criação machista, e sem qualquer sabor e encanto, tirou a virgindade da menina que depositava na experiência um restinho de curiosidade e certo romantismo no que seria sua primeira experiência sexual.

Por anos seguiu com um total desinteresse pelos mistérios do seu corpo... pensava em sexo, lembrava da velha carrancuda que a flagrara se conhecendo ainda na puberdade, embaixo dos lençóis. Quando pensava em homem, vinha a imagem grotesca da sua primeira vez e do garoto com aspecto semidébil.

Com sorte, e por uma ajudinha de uma amiga que sabia de seu encanto pela dança, foi que enfim, a descoberta do seu corpo e dos mistérios do amor, aconteceu...

Era início de outono. O som envolvente da música acariciava seus ouvidos estimulando seus músculos e articulações involuntariamente, como se levasse no estúdio caseiro de voils e tacos de madeira no piso.



O professor Anthony, a aguardava para a aula teste. Cabelos pretos meio desarrumados, porém, com certo charme, contornavam seu rosto com uma barba rala, alto e magro, porém corpulento, passava a impressão de um homem com bons hábitos alimentares, parecia esconder um corpo bem definido por baixo do tecido preto e elegante, sua aparência não lhe aparentava mais de 30 anos. Pouco conversavam nas apresentações e o professor, objetivo, a conduziu para uma demonstração de alguns movimentos introdutórios. A dança: Zouk.

Ágatha, paralisada pela dança sensual que via, sentia seu corpo reagir. Um calor no centro da barriga descendo para baixo de sua cintura a dominava com um certo desconforto, tentando disfarçar... Seus olhos cor de mel acompanhavam o ritmo e lentamente se entregava a



cada movimento. Algo que jamais sentira parecia brotar do mais inóspito lugar, de dentro de si, ao mesmo tempo que a paixão pela dança despertava seus sentidos como um dom. Atraída pelo ritmo e pela sensualidade casual de Anthony, aos poucos era conduzida para uma outra atmosfera, como se o seu corpo acordasse pela primeira vez, ao mesmo tempo que seus medos se esvaíam pelo chão de tacos.

Aghata, agora perturbada e curiosa pelo sentimento que crescia com calor no fundo oceânico do seu corpo, passou a ansiar pelas aulas semanais. Demorava para dormir e quando acordava no meio da noite se furtava com suor quase febril e com pensamentos instigantes; comprimia-se com as mãos entre as pernas numa luta contra seus instintos mais primitivos. Passou a dançar por horas treinando em seu quarto o ritmo e os passos. Ao mesmo tempo, redescobria seu corpo e aquele calor congelado da puberdade. Flagrava-se pensando no charmoso e intrigante professor. Olhava seu corpo, aos poucos voltava a se tocar, mas começava e logo parava, acessando suas lembranças negras e gélidas da segunda infância. Olhava-se no espelho, arrumava o cabelo, sua beleza tinha algo diferente, mais vivo. Seus olhos, um brilho infinito...

Foi no meio do outono que aconteceu, no alto dos seus vinte e cinco anos. Agatha e Anthony deixaram-se levar pela dança e por mais de hora passada do tempo de aula curtindo cada passo que misturava seus corpos sobre o piso de tacos. As cortinas de voil agora escurecidas pela pouca luz do ambiente e pela noite, pareciam imitar o ritmo sensual e tórrido do casal.

Anthony observava os olhos de mel de Ágatha, seu rosto branco e tímido, seus cabelos naturais e ruivos, seus lábios rosados e carnudos. Os olhos dos dois penetravam seus corpos imaginando coisas enquanto suas mãos e braços rodopiavam num corpo a corpo incandescente como se centenas de velas iluminassem o chão da sala e bailassem num céu estrelado.

Cansados, abriram um vinho. Sentados, a conversa fluía entre risos e histórias... Ágatha, sentindo seu corpo explodir como um vulcão adormecido por milhares de anos, percebeu que seu rosto se aproximava de Anthony. Olharam para suas bocas, fixaram suas pupilas uma na outra, e se beijaram... A mão dela tremia, mas o afago seguro dele, a levava como na dança. Sexo e dança se fundiam. Com a mesma timidez dos olhos, Ágatha tateava as pernas de Anthony, como num labirinto de olhos vendados, subindo para o desconhecido, devagar, até sentir o volume grosso, quente e sólido guardado dentro da calça.

Os beijos, agora mais eufóricos, subiam a temperatura dos dois corpos. Ele, devagar, escalava com sua mão pelas pernas dela, até sentir o calor quase úmido da sua excitação, na virilha. Ele a colocou deitada na mesma pista de dança de milhares de velas acesas pela imaginação de Ágatha. Tirou sua roupa, beijando-a lascivamente por todo seu corpo. No mesmo ritmo que a beijava, despia-se também, excitando os olhos de Ágatha. Beijou as coxas e alcançou com sua boca o pequeno botão de rosa que se abria entre suas pernas. Devagar, tocou-a com a língua e lábios, sentido o corpo de Ágatha se contorcer no chão de tacos...



Ela se entregava para a boca de Anthony como se descobrisse pela primeira vez o sabor de uma implosão de milhares de gotas de prazer escorrendo pela virilha e pelas coxas. Ele a beijou na barriga, subiu com a língua para seus seios rosados e delicados. Os acariciava com os lábios. Beijou seu pescoço, orelha, boca. As mãos descobriam seus corpos. Se entreolhavam e viajavam pelos seus olhos e por uma constelação de sentidos e orgasmos. Ele então a penetrou sem pressa, fundo e delicadamente, sentindo o calor de centenas de anos guardado, como se seu pênis a

preenchesse e a descobrisse por dentro de todo o seu corpo, teso e viril. Ela, ao mesmo tempo, o sentia, carne com carne e gemia de prazer em êxtase absoluto... Era como se dois corpos dançassem em chamas um dentro do outro, de costas, de lado, um sobre o outro, fazendo da pista de dança uma pista repleta de estrelas flamejantes numa pira de fogo. A dança do fogo...

Naquela noite, Ágatha quebrou a maldição da freira, e seu corpo, fundindo dança e fogo, paixão e sexo, desejo e ternura, experimentou o amor pela primeira vez...



ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



A vizinha

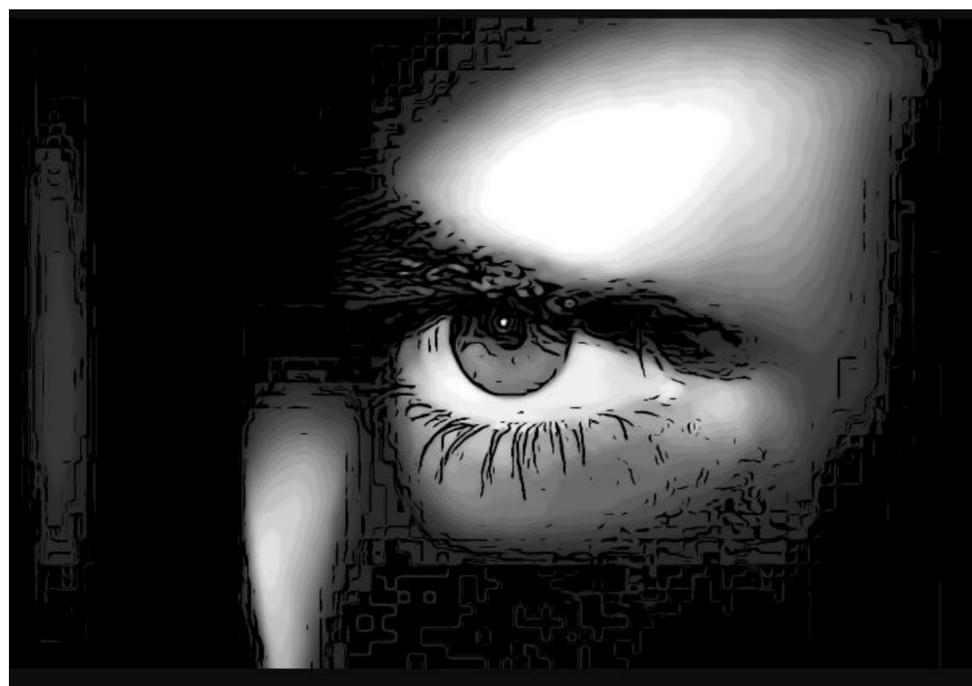
Final

Meus olhos espreitavam por uma pequena abertura na porta do banheiro. A sensação de ser percebido foi ainda mais excitante quando as duas viraram seus olhos na minha direção. Nuas, as gotas que caíam da ducha e deslizavam pelos seus corpos refletiam a luz do entardecer que transpassava pela janela e batia nas minhas pupilas dilatadas, castanhas e entorpecidas pelo deslizar curvo e lascivo d'água.

Eu, Lícia e minha esposa Augustinha, havíamos passado o dia na piscina do condomínio, servidos de caipirinha, cerveja, risos e uma conexão repleta de segredos. A amizade de Augustinha e Lícia crescia a cada dia ao mesmo tempo em que meus encontros às escondidas com Lícia em seu apartamento - alguns andares acima do meu - já completavam meses. Eu e Lícia havíamos nos conhecido naquela mesma piscina em que celebrávamos uma estranha amizade a três.

Tínhamos sido atingidos em cheio por uma paixão enfurecida que consumia nossos corpos a cada encontro. Mesmo assim, Lícia aproximava-se cada vez mais da minha esposa como sua "melhor amiga". Jantarzinhos no meio da semana, idas ao shopping, salões de beleza e passeios a três havia se tornado comuns naquele verão.

Naquela tarde de domingo, ensolarado, subimos os três, bêbados para o meu apartamento. Uma atmosfera de embriaguez e de intimidade penetrava pelos nossos poros e, entre gargalhadas e brincadeiras maldosas, via no olhar de Lícia uma chama diabólica e sexual arremessada como um raio contra os meus olhos e os de Augustinha. Nos abraçávamos e como se fôssemos reféns de uma falsa perda de consciência provocada pelo álcool, arriscávamos passadinhas de mão ingênuas.



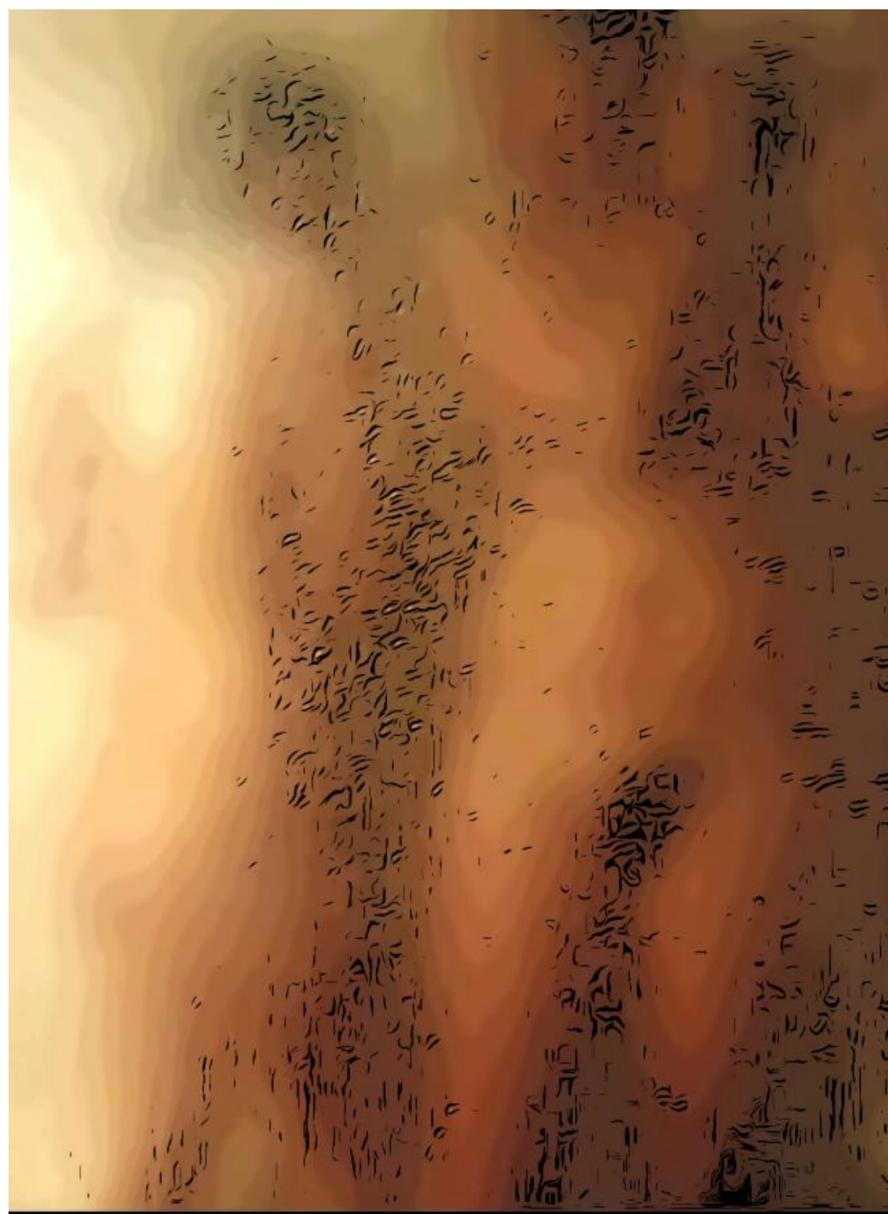
Augustinha, numa inocência tola ou talvez numa terrível perversidade, sugeriu que Lícia continuasse com a saideira em nosso apartamento seguido de um jantarzinho.

"Mas preciso de um banho!! vou para a minha casa tomar um banho e depois desço para o apartamento de vocês!" interpelou Lícia....

"Pare com isso você já é de casa!!...tome um banho na minha casa... te empresto uma roupa...pare de frescura, menina!!

Lícia, sem se fazer de rogada, aceitou de segunda, e assim fizemos.

Já no nosso apartamento, seguiram Lícia e Augustinha para o quarto. Ouvei o chuveiro ligar e percebi que as duas conversavam no banheiro. A porta do quarto entreaberta me puxou lentamente para uma rápida e silenciosa investigação... Entrei tenso, com medo de ser flagrado como um juvenil bisbilhoteiro. A porta do banheiro tinha uma pequena fresta aberta. Meu corpo, ainda seminu com um calção de banho úmido da piscina, pulsava sangue denso para baixo da minha cintura. Sentia-me tenso, tenso. Meus olhos provavam de um sabor picante que descia do palato direto para minhas mãos, que me tocavam entre minhas pernas. Os corpos nus de Lícia e Augustinha se misturavam entre as gotículas que evaporavam e saíam pela porta encostada.



As gotas que escorriam pelos seios, bumbum e púbis das duas mulheres refletiam a luz do entardecer batendo direto contra as minhas pupilas amêndoas e chamejantes. Os olhos de Lícia, como se premeditassem cada movimento, olharam em minha direção sentindo minha presença, mesmo atrás da porta, turvo pela neblina perfumada.

"Você está aí!?" disse ela em tom de graça...

Meu corpo tremeu. Senti como se caminhasse para uma armadilha, afinal de contas o que justificaria minha presença atrás da porta. Respondi como se fosse apenas uma grande coincidência estar ali por perto naquele momento..."Sim...vim buscar roupas no quarto...precisam de algo!?"

Entre!! - Responderam as duas, quase ao mesmo tempo.

Empurrei a porta lentamente. Aquela visão antes suprimida por uma fresta e pela neblina do banho, cresceu. O corpo das duas ostentava curvas provocantes, cabelos molhados e uma excitação se fazia notável por dentro do meu calção de banho.

"Tire-o!"... disse Lícia olhando para o meu calção...

Augustinha protestou em tom curioso...mas também de graça.

"O que está fazendo!?!..."

Nada! - respondeu Lícia ainda em tom de graça - estamos entre amigos...não estamos!?"

Percebi que Augustinha levava na brincadeira, talvez sua embriaguez não a deixasse se dar conta do que estava acontecendo, ou talvez apenas quisesse ver onde ia dar aquela provocação de Lícia, sua então melhor amiga...

Lícia, insistiu..."Tire-o e entre...vem aqui com a gente..."

Por alguns segundos fiquei paralisado pelo desafio, ao mesmo tempo que excitado. Desci meu calção e senti que toda a minha circulação sanguínea içava alto e teso aquilo que tinha entre minhas pernas. Augustinha ria sem graça enquanto Lícia me observava absolutamente dona da situação, me puxando com seus olhos flamejantes para dentro do chuveiro.



Quando entrei, nossas peles se tocaram elétricas, a água me cobriu por inteiro e nossos corpos se tornaram um único corpo, os três, homogêneos. Senti a mão de Lícia segurar meu pênis. A água corria por nossos corpos e um beijo entre nós três aconteceu. O que parecia embaraçoso, aos poucos foi ganhando calor e ritmo, a cada segundo mais frenético. Como num mergulho fundo, nós três nos entregamos...

Enquanto nossas línguas se cruzavam sentindo a água escorrer por nossas bocas, meus braços e mãos desciam pelos corpos das duas mulheres. Lícia, lentamente, desceu para minha cintura e abocanhou meu pênis firme e inflexível para o alto. Minha mão deslizava pelas coxas de Augustinha, até que com os dedos a massageei na pequenina abertura dos seus lábios pubianos, sentindo o clitóris, na ponta dos meus dedos.



A penetrei com um dedo, sentindo sua cavidade apertada, quente e molhada. A água do chuveiro misturava-se com o licor perfumado do seu sexo que escorria entre suas pernas. Lícia me chupava, forte, escorregando seus lábios carnudos pelo meu pênis e segurando as minhas pernas e as pernas de Augustinha, me olhava fulminante e febril revirando os olhos. Uma mão minha masturbava Augustinha e a outra segurava Lícia pelos seus cachos ensopados em movimento na altura da minha cintura.

Então ela se levantou segurando meu cetro enquanto conduzia habilmente minha mulher de costas contra a parede. Me beijando, projetou meu pênis com sua mão para dentro da minha mulher que erguia o bumbum, encaixando seu corpo contra o meu. Meti com força, sentindo a mão de Lícia acariciar meu pênis por baixo ao mesmo tempo que acariciava freneticamente o clitóris da minha mulher, tornando o coito ainda mais excitante. Ouvia o gemido das duas confundindo-se com o cair da água sobre nossos corpos... A forte e frenética penetração, misturada com a carícia das mãos sobre o corpo e sobre o clitóris de Augustinha a fizeram gozar rápido, fraquejando as pernas e a cintura agarrada firmemente pelas minhas mãos. Lícia então me abraçou, nos beijamos os três, ardentemente.

As coxas de Lícia subiram, segurei meu pênis e o encaixei entre suas pernas... Senti com a ponta a pele fina da sua bocetinha frágil e pequena e, aos poucos, o senti entrar pujante e apertado, enquanto ela enroscava suas pernas no meu corpo, montando em cima com tudo... Augustinha assistia, nos acariciava e nos beijava na boca. Minhas mãos seguravam o bumbum de Lícia, puxando-a contra mim, a fazendo cavalgar num ritmo enlouquecedor, até que, vencido pelo êxtase, gozei por minutos envolvido pela pele molhada e pelos corpos macios das duas mulheres. Depois de gozar, descí com a minha boca pelos seios de Lícia, pela barriga, pela coxa e comecei a chupá-la. Minha língua e meus lábios a acariciavam por dentro, pela beirada e pelo clitóris.



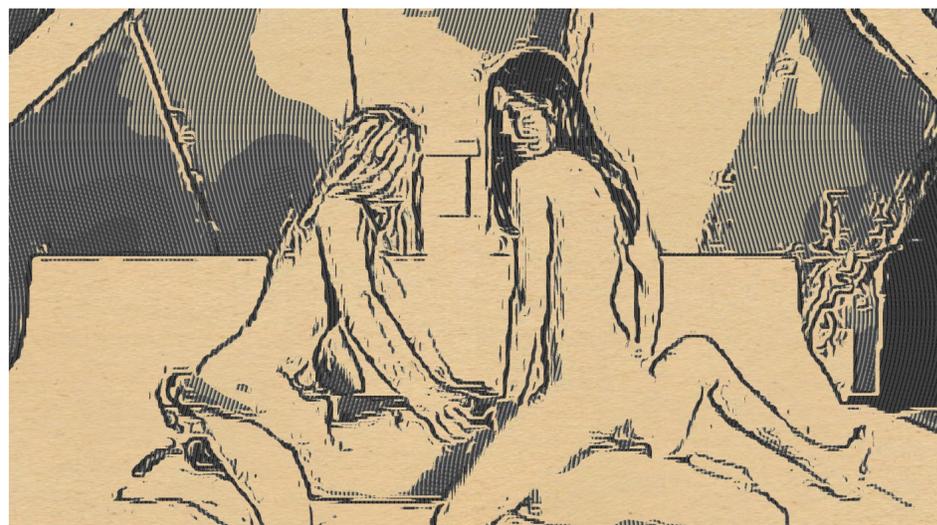
A chupava como uma fruta pequenina e succulenta. Meus dedos a penetravam rápido ao mesmo tempo que a ponta da minha língua tocava seu clitóris na mesma intensidade. Ela gemia até que a ouvi dizer "Não pare"...a senti gozar dentro da minha boca, enquanto Augustinha se masturbava e também gozava em intensos gemidos. Fomos para o quarto, aos risos de quem fizera algo secreto, de quem tivera suas morais violadas para sempre. Continuamos bebendo no quarto.



Descansamos um pouco e logo senti Lícia me tocar o pênis de novo, o erguendo como uma hábil artesã. As duas começaram a me chupar na cama, ao mesmo tempo, nuas, de bruços, seus bumbuns destacavam-se na altura dos meus olhos. Me levantei e coloquei as duas de quatro sobre a cama, meus dedos e meu cetro penetravam as duas. Invertia e seguia, penetrando-as e as beijando por trás.



Depois uma sentou-se sobre meu pênis enquanto a outra sentou-se sobre a minha boca, me fazendo masturbá-la com a língua em movimentos circulares e macios, enquanto a outra montava, e depois trocavam numa espécie de gangorra...



Seguimos pelo resto da noite, misturando bocas e corpos, e gozando como três selvagens libertos de suas jaulas, até que desfalecemos sobre a cama, juntos... esgotados e extasiados!!!



Na manhã seguinte, quando acordei, vi que Lícia tinha ido embora. Augustinha dormia. Ainda nu, caminhei até a cozinha para um copo d'água. No meu celular tinha uma mensagem de Lícia que dizia:

"Foi muito maluco ontem, eu amei! Mas meu marido vem tentando uma reconciliação e como você sabe as coisas não andam fáceis para mim, ando confusa. Não sirvo para ser "a outra" e percebi que ainda existe algo entre você e sua mulher. Não quis dizer nada ontem para não estragar, na verdade gostei de tudo. Acho que preciso tentar uma retomada com meu ex. embora sinta algo muito forte e intenso por você e uma amizade muito sincera pela sua mulher, preciso me afastar um pouco. Fiquem bem! Lícia"



Senti um amargo terrível dentro de mim, como se aquela mensagem me golpeasse no estômago e transformasse o êxtase da noite anterior em um ácido no meu palato. Minha mulher, Augustinha, me observava em silêncio enquanto eu lia a mensagem. Disse então com a sua voz lenta da manhã...

"Achou que eu nunca fosse perceber nada!?"

"Do que está falando!?"
...respondi confuso.

"Há uns meses a síndica me procurou. Somos amigas como você sabe. Foi um pouco depois daquela pichação das crianças que teve no elevador. Lembra?"



"Hãa...e o que tem a ver a pichação das crianças com isso?"

"Bem, não sei se você se lembra, mas para que as crianças fossem descobertas e punidas foi necessário puxar as filmagens do elevador de praticamente o dia todo. E justamente nesse dia da pichação as câmeras pegaram uma cena bem interessante entre você e Lícia"

"Não sei do que você está falando! Acho que a bebida de ontem não te fez bem!"

"Eu me senti dilacerada quando vi a cena no elevador. Chorei noites sozinha e em silêncio. Passei a perceber mais cada detalhe, seus horários, até o cheiro de cigarro quando você descia e sumia por um tempinho, você nem fuma! Era só para disfarçar o cheiro do perfume dela"

"Olha amor, eu não sei como tudo isso foi acontecer. Só sei que quando vi estava completamente perdido, levado por uma força maior que eu. Mas acabou"

"Acabou porque ela quis, eu li a mensagem"

"Eu ia parar..."

"Não importa mais. Ontem eu precisava saber até onde você iria. Me aproximei de Lícia para tê-la por perto. Ela parecia gostar do jogo e da ideia de eu parecer idiota, então a trouxe para cada vez mais perto. Quando percebi que você estava atrás da porta ontem, provoquei Lícia para que ela te chamasse. Mas nada disso importa mais. Espero que tenha se divertido, para mim foi bom, mas não posso viver com isso. Eu já vi um lugar para eu ficar."

Uma hora depois Augustinha saiu pela porta, assim como Lícia. Nunca mais as vi. Naquele momento abriu-se uma ferida imensa no mesmo céu de entardecer refletido em gotas nos corpos nus das duas mulheres na tarde anterior.

"Enquanto termino minha garrafa de uísque, sozinho, já embriagado, sinto como uma navalha o gosto amargo da partida. Vejo os corpos nus numa doce e perfumada cortina de neblina com as gotas deslizando pelas suas peles douradas projetando a luz do entardecer de verão que transpassava pela janela e batia nas minhas pupilas dilatadas, castanhas e entorpecidas pela paixão.

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



AUTORA CONVIDADA E ESTREANTE

Há uns dois meses, tive a honra de ser convidado por uma fiel leitora para ler e editar seu primeiro texto erótico. Fiquei surpreso e lisonjeado com o convite, mas acima de tudo, me senti responsável por testemunhar e lapidar o nascimento de uma escritora. Seu pseudônimo criado para vestir seus primeiros versos publicados: *Ágatha Sophia*. Um nome forte e um lindo texto, sobretudo corajoso para quem enxergou na escrita uma fonte para beber de si e mostrar seus sentimentos mais íntimos para o mundo. Inspirado nesta personagem forte, criei o conto "*Ágatha Sophia*" que publico nesta edição. Não por acaso, no meu conto, inspirado nesta personagem, a menina e depois linda jovem *Agatha Sophia*, atravessa um trauma na adolescência, e depois, descobrindo sua paixão, desabrocha para o mundo, para a beleza e para os mistérios do seu corpo. Num paralelo, poderíamos comparar os traumas da adolescência de *Agatha* com todos aqueles traumas que nos paralisam, e então, sua descoberta da paixão pela dança com a descoberta daquilo que nos completa, aquilo que nos apaixonamos dentro de nós mesmos; e por fim, o desabrochar de *Agatha* quando experimenta pela primeira vez o sexo com a paixão, num paralelo da escritora *Agatha* que vence seus medos e publica pela primeira vez seus versos mais íntimos para o mundo. O desabrochar de uma escritora.

" ENTÃO ELE ME DIZ "VEM" E EU SÓ
PRECISO DISSO PRA ME SENTIR ACESA,
POIS SEI O QUE ACONTECE DEPOIS DESSA
PALAVRA...

SUAS MÃOS SOBEM PELAS MINHAS PERNAS
AINDA MOLHADAS DE BANHO, DESCOBRE
CADA PEDAÇO DA MINHA PELE E PENETRA
COM SEU TOQUE RUDE PELA MINHA
INTIMIDADE QUE CONFUNDI BANHO COM
GOTAS DE DESEJO, SUA BOCA ME CHUPA...

EU SINTO QUE ELE TEM A MESMA
NECESSIDADE QUE EU, ENTÃO O PUXO PRA
MIM, ELE ME PENETRA COM FORÇA, COMO
EU GOSTO.

QUANDO ELE ME FAZ SUA MAIS UMA VEZ,
CADA PARTE DO MEU CORPO CLAMA POR
MAIS, E SEM QUE EU DIGA UMA PALAVRA,
ELE VAI MAIS FUNDO, MAIS RÁPIDO...MEU
CORPO SUCUMBE NUM ORGASMO INTENSO E
DELICIOSO, COMO SEMPRE É... NOSSOS
OLHOS SE AMAM E SE DEITAM
SATISFEITOS, NOSSOS CORPOS SE ACALMAM
NUM CONSUMADO DESEJO...."

—

ÁGATHA SOPHIA.

EXPEDIENTE

Desenvolver esse projeto foi um desafio na minha carreira como autor, não só por se tratar de uma revista em meio a tantas outras do mesmo gênero, mas também e principalmente por ser uma publicação periódica. Quando se trabalha em um livro, não há prazo para a criatividade e inspiração, mas quando se trata de uma revista periódica, o trabalho voltado para a escrita criativa corre com os dias do calendário, acima de tudo, este é o maior desafio para mim autor.

E aqui chegamos na oitava edição. A Bartolomeu já soma 18 contos, entre eles alguns que se conectam como mini novelas. A Bartolomeu traz um misto de ficção com realidade. É bom chegar com você leitor até aqui e, se de alguma forma mexi com a sua imaginação, então valeu a pena mergulharmos neste misto de personagens enigmáticos com suas histórias marcantes, juntos.

Obrigado!

Alexandre Golovanevsky



@tescrevoumconto



Alexandre Golovanevsky



golovanevsky.a@gmail.com



(11) 9.8585.1114



Publicações do autor:

Saturno de Goya;

Urban Woman;

Algumas Sobre Amor e Erotismo;

O Abraço, edição especial ilustrada;

Participações em coletâneas de poemas sendo uma de Literatura para Escolas Municipais, Brasil - Editora Palavra é Arte - Poesia na Escola
Revista Bartolomeu;

www.revistabartolomeu.com.br

Revista Bartolomeu
Registro INPI n° ®



29409171921540032

Editor-Chefe: Alexandre Golovanevsky

São Paulo - SP

E-mail: golovanevsky.a@gmail.com

Capa e Design: Alexandre Golovanevsky

Ilustrações e Revisão: Ly Hashizumi

Ilustrações de Diagramação: Alexandre Golovanevsky

Publicado pela Flipsnack

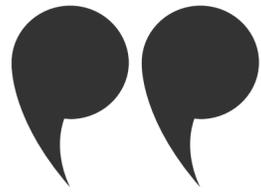
Autoria Textos:

FOUR - Alexandre Golovanevsky

Ágatha Sophia - Alexandre Golovanevsky

A Vizinha, Final - Alexandre Golovanevsky

Texto Autora Convidada - Ágatha Sophia (pseudônimo)



A ÚNICA

obscenidade

QUE EXISTE

é a

VIOLÊNCIA

Jim Morrison



volume 1 n° 8

MAR 2021